



UM ALMOÇO

(Phot. de Viriato Silva)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno, 2\$400.

Semestre, 1\$200. Trimestre, 600 rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o importe das despesas.

Extranjeiro — Um anno, 3\$000.

Numero avulso, 60 reis

Numero 123

Braga, 4 de novembro de 1915

Anno III

Ornamentos d'Egreja da Casa Estrella

Officinas d'Esculptura e Talha Religiosa, em madeira, marfim e massa (Fundada em 1874)

Peçam o nosso catalogo illustrado com 143 gravuras... (Pede-se u. a. visita ás no.sas officinas e depositos d. vendas)

Aos nossos trabalhos foram concedidos os mais altos premios nas exposições Industriaes Portuguezas de 1887 e 1897



A CASA ESTRELLA é a fornecedora das principaes causas congeneres no estrangeiro
Depositos de imagens, oratorios, castiçaes, ramos, custodias, calix, lampadas, lustres, etc. etc.
e de todos os objectos do culto divino desde os mais simples aos mais luxuosos

Specimen de uma esculptura em madeira executada nas nossas officinas

PORTO — Rua do Bomjardim, 85 a 89 e Rua de Santo Antonio, 59 a 63

GUARDA = Representante e depositario — CASA SUCENA
Rua Heliodoro Salgado



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Veloso

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Pelxoto.

Braga, 4 de novembro de 1915

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 123—Anno III



TUMULO DE D. AFFONSO HENRIQUES
Na igreja de Santa Cruz de Coimbra

Chronica da Semana

Crepusculo

A porta do café, passei eu e um amigo parte da noite. Atravez das vidraças largas via-se um publico de frequentadores, o mais diverso. Além, um grupo de litteratos jovens discutindo. Depois, aquellas tres figuras, dois rapazes, uma mulher, jantando.

—Vês? ... Aquelle, de cara rapada, magrito e pallido, *Snob?* ...

—Vejo.

E o meu amigo desfiou um caso escandaloso e porco de divorcio.

Ahi o tens. E' aquelle ...

Era um caso de absoluta perversidade moral, de degradação infame, d'aquelles casos para que os honradissimos negociantes da praça costumam pedir pura e simplesmente um chicote e que aqui ha vinte annos seriam materia de discussões e duellos durante duas décadas pelo menos. Alli, entre o bulicio atroador e fatigante do começo da noite nas cidades, em que uma vida recomeça mais estheniante que a diurna, aquelle caso accentuou em mim o nojo instincto que todos elles merecem. O meu amigo ria da baixeza animal que eu contára; eu via passar e repassar aquelle *film* variado e sombrio dos vultos e carruagens, —a multidão a engolpar-se na bocca illuminada dos theatros, e dos *cinemas* —e tudo me lembrou a immensa mascarada que Gavarni esventou e poz a nú, ás bicadas do lapis irreverente. Isto é positivamente um deflagoar de peste, a reciamar ferro em brasa. Estas camadas novas que a capital vem exportando p'rá provincia e o colorido

rubrico dos *magazines* e romances excitam por demais, invade a pouco e pouco o corpo exaustado do paiz que ella pensa trajar á ultima moda talvez para não parecer de todo caricato e sórdido, entre as quatro táboas do caixão. E vae a gente escrutar a vida intima das classes e topa o borbullhar das mesmas purulencias, em quadros que pedem pez a ferver, em scenas e requintes que revelam o rebaixamento moral a que desceu esta sociedade toda, a quem ha quasi um século se vem ensinando a aborrecer o padre e a ignorar a Deus, como a magna besta ignora e aborrece o grão.

A noite das cidades é a reproducção fiel da crise moral que nos vae estrangulando a pouco e pouco. Nos grupos

d'infamia que por'hi se formam a coberto das sombras cumplices, noite fóra, e que sobretudo aos domingos faz do burgo citadino central quasi um campo de vicio e de ebriez, qualquer observador consciencioso percebe aquelle incendio que nós vamos depois encontrar, como Fialho a deflagrar pelas aldeias. Ainda hontem, n'uma conversa de viagem, o que me não contou um parochos do norte! A freguezia tem uma natalidade exuberante e na maioria dos fieis é cumpridora dos deveres religiosos. Mas aos domingos, nos tascos, já formilham agentes agitadores recrutados nas massas syndicalistas das cidades, que veem, como os lobos, á socapa, vêr se filam algum incauto, e o arrastam, n'um engajamento infame de negreiros 'té ao *brouhaha* das officinas, á feira pavorosa dos corpos e consciencias, aos compromissos cegos e assassinos dos "comités de vigilancia", á voragem das vidas libertinas.

Dinheiro não lhes falta, como aos protestantes que em Coimbra por exemplo, mercê da estúpida ronceirice da acção religiosa, avançam e grangeiam dia a dia mais adeptos. Conhecedores dos *filtros*, seductores de ingenuos, levam sempre grossa colheita dos seus raios, deixando para o anno seguinte, sementeira de novos infortunios.

E' por isso leitor que é urgente, que os parochos se tornem os effectivos senhores das populações, que préguem teimosamente, sagradamente, o *restez chez vous*, dos regionalistas francezes, que procúrem realisar a organização social dos seus fieis, fazendo com que elles vejam toda a riqueza que as suas terras encerram, toda a paz que a vida provinciana garante, todo o amor fraterno que do cultivo e d'essa paz advem. E' por isto que eu de ha muito julgo imprescindivel que a uma depuração religiosa e espiritual devem os parochos juntar desde já uma acção social mais ampla, mais forte, por fórma a segurarem o maior numero de individuos contra a avalanche bruta da desordem moral que tudo arraza.

A não ser assim, eu já prevejo que tudo isto, ao cabo de poucos annos, desceu tanto que não será possivel entrar a corrida cega para o abysmo. A reforma é moral, a reforma é religiosa. E ella não se faz com purpurados somnolentos e emphaticos, com caractéres tibios, com o preconceito das branduras que não são mais que covardias, com mações nas confrarias, com parochos-jenotas a jogarem á noite nos cafés, com cenobitas de residencia, com palavões, com paradas, com elogios tolos. O tempo é outro que o de hontem. E' um crepusculo. Só o trabalho evitará que se lhe siga em vez d'uma alvorada, o pesadelo d'uma infinita noite...

F. V.

A opala dos Habsburgos

ENTRE tapeçarias velhas, ao clarão inquieto dos lustres, debruçado para a sua larga meza de trabalho, o velho imperador, medita tristemente.

Fóra, o silencio é mortal e os jardins imperiaes, dormem profundamente envoltos, em negras sombras, sem o arrepello d'uma arvore, o ramalhar d'um arbusto, recolhidos e tristes. Aquella hora recolhida e triste de noite velha, em que o imperador, a sós com o seu coração, pensa e medita n'aquella vigilia amarga. Sobre a meza, n'um escrínio de velludo velho, uma enorme opala scintilla, desmaia, n'uma agonia de côres. E' a joia celebre dos Habsburgos, a opala lendaria, o seu orgulho, a sua gemma predilecta, o seu *fetiché*, que passa religiosamente de Imperatriz para Imperatriz, como uma reliquia sagrada, um signo sobrenatural de grandeza e d'imperio... Francisco José olha-a com ternura, examina-a anceadamente como um aváro, fá-la brilhar, estremecer á luz, muda-a, revira-a, procura-lhe os cambiantes, valorisa-lhe os tons polychromos, discretos e logo enternecido, como se tacteasse uma alma, como se brincasse com uma flôr, fica a olha-la, a olha-la, profundamente, fixamente, ora sorrindo enlevado, logo franzindo a commissura dos labios, severo triste... Contempla os retratos, que vertem as paredes—toda a sua raça nobre, toda a sua grandeza, que esplende, enquadrada nas molduras d'ouro, encimadas d'heraldicos signos e olha a joia, que a todos conheceu e a todos levou a magia inexplicavel do seu occulto poder. E assim, concentrando-se na contemplação da extranha joia, parece-lhe que é todo um passado que elle baloiça nas mãos, toda uma historia, uma raça, que o interessa, sensibilisa, faz sonhar!...

Como elle desejaria, anima-la, dar-lhe expressão, humanisa-la, para que lhe dissesse os mil segredos que ouviu, os caprichos que soffreu, os intensos dramas que conhece. Como o seu passado longinquo de rapaz apaixonado e feliz, se reanima n'aquella joia, tantas vezes orvalhada de lagrimas, perseguida d'invejas, brilhando altiva, por entre o deslumbramento das festas, no peito de sua mãe, no collo branco e doente da sua noiva feliz. Como ella e só ella, lhe poderia fallar — se ella fallasse! — da tristeza morbida d'essa linda Imperatriz sonhadora, no seu retiro romantico de Corfu, de todos os seus que a aza negra do destino, amargurou e perseguiu, toda a historia inditosa dos Habsburgos, d'esse macabro mau sestro, que anda nas veias como o sangue, d'esse passado, que elle vê no extremo da vida, diluir-se em lagrimas e recordações...

E era aquella reliquia, aquelle *peliche* que elle tinha de converter em oiro, o oiro sinistro que iria por sua vez converter-se no aço frio das ballas e dos canhões... «Não, não,» murmurou sufocadamente, fechando o escrínio, cobrindo a cara com as mãos, como se quizesse esconder as suas lagrimas d'homem, d'aquella immensa joia de Reis...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.



Dia de finados

Dia de luto e dor! No cemiterio,
Vae a saudade os tumulos ornando;
E o templo, de fieis regorgitando,
Sobre as almas esparge o refrigerio.

Dorido, corta o bronze o espaço ethereo.
Rutilo pranto cae, de quando em quando,
Das nuvens tempestuosas que, passando,
Vão de crepe vestindo o azul sidereo.

Ai! O labio infantil que hontem sorria
Converte-se hoje em pó, na sepultura.
Só a alma não perece. É que utopia

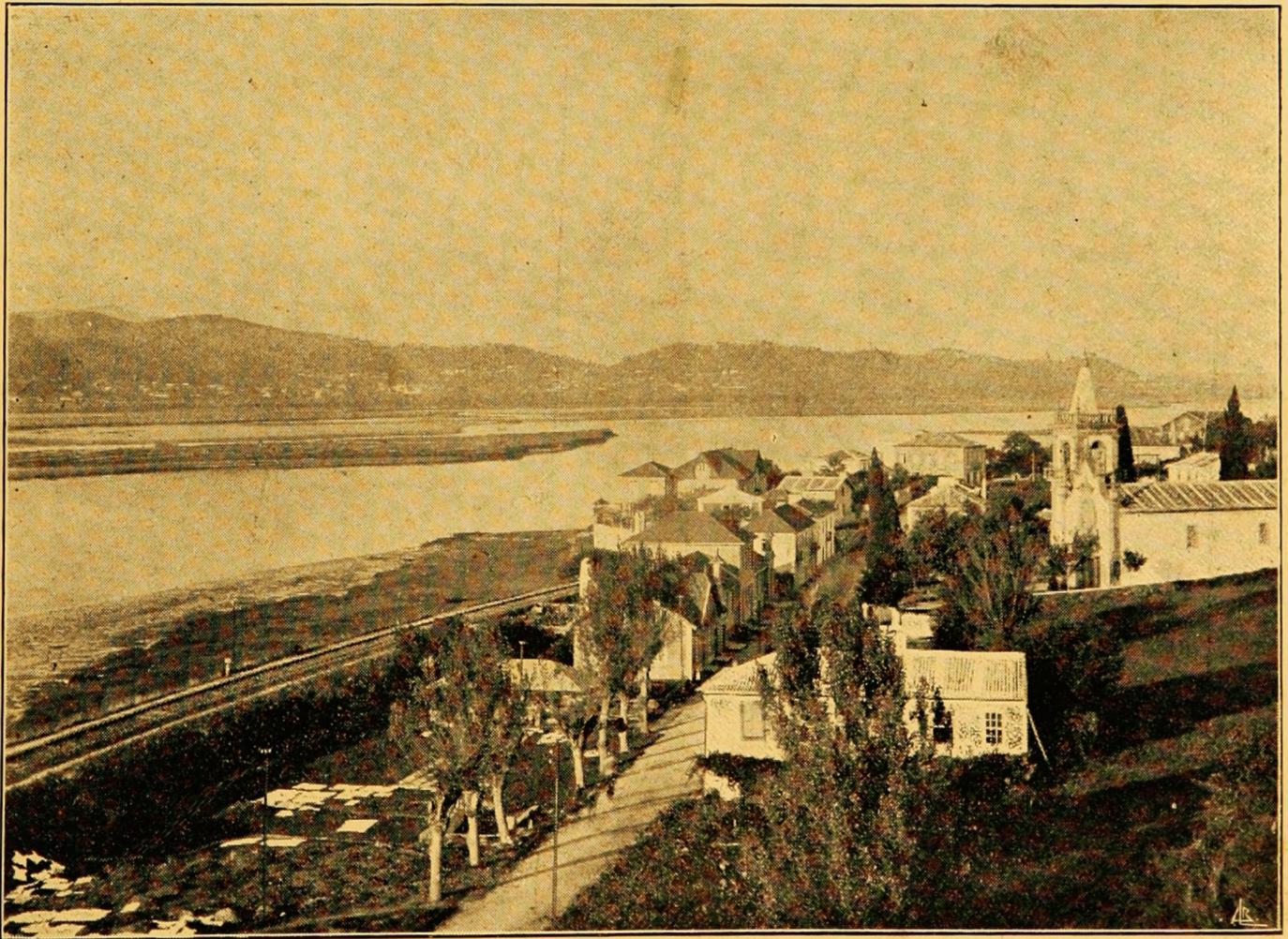
E' fazer consistir nossa ventura
N'um frivolo prazer, n'uma alegria
Que breve findará, que pouco dura!

Lisboa, 2-XI-1915

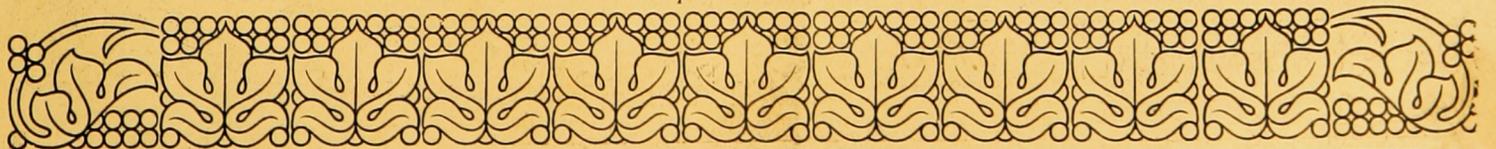
ELVIRA NEVES PEREIRA.

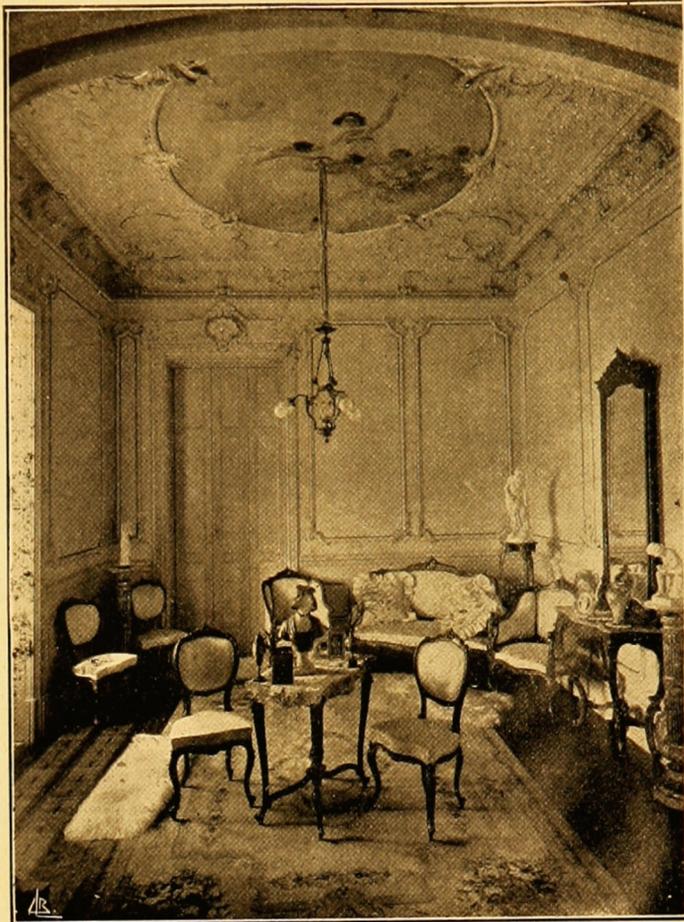
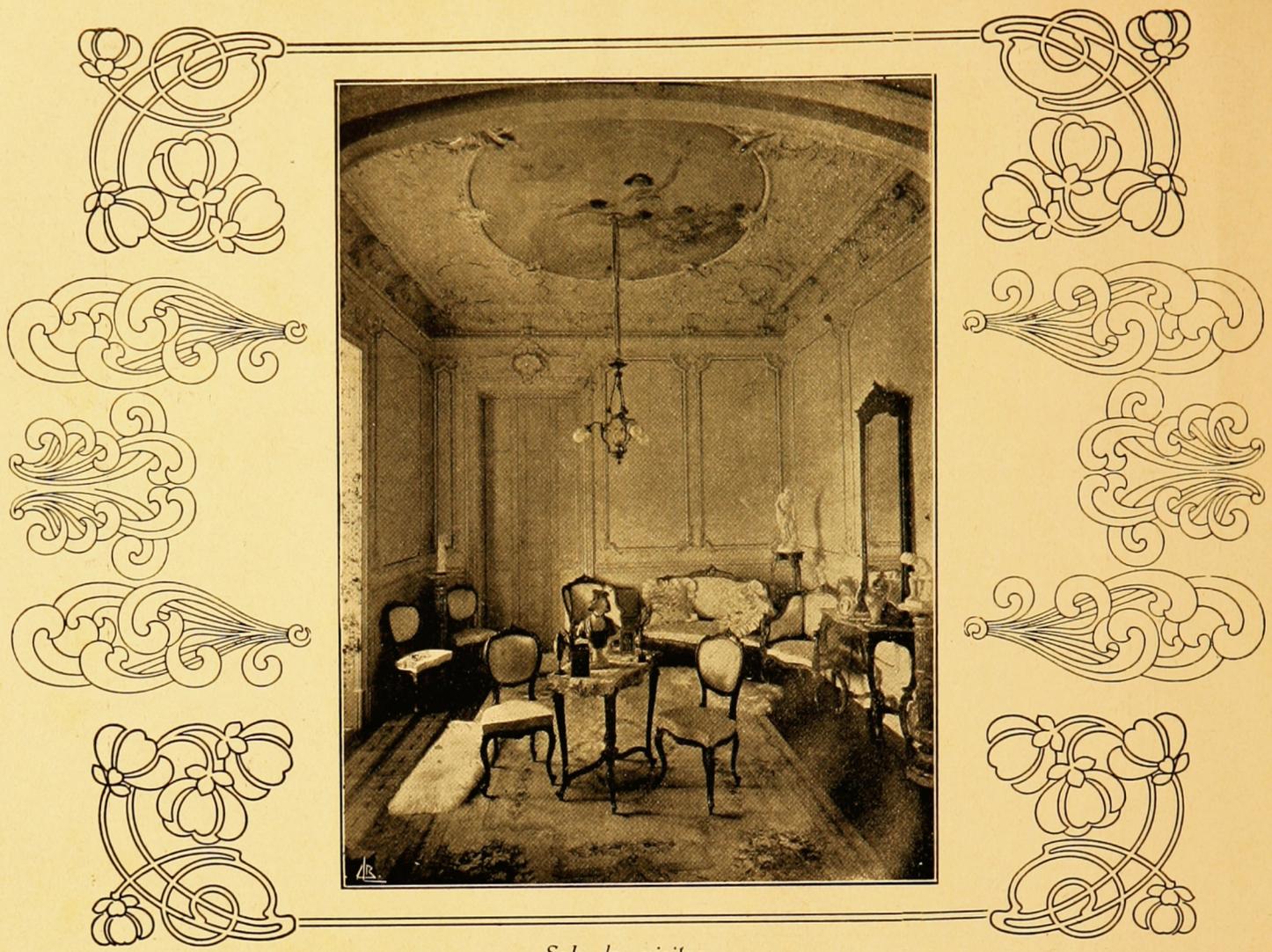


SEIXAS—Villa Deolinda

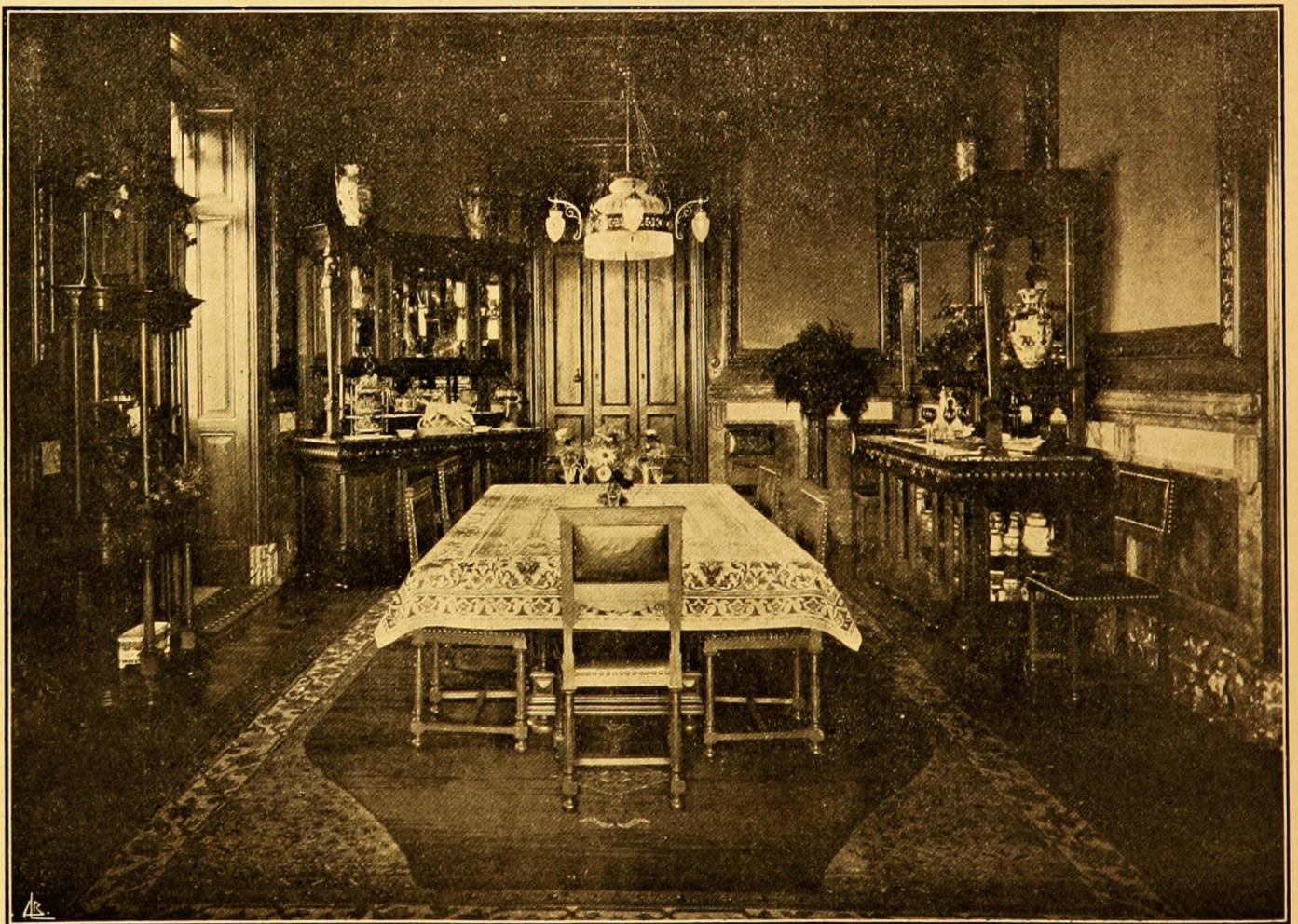


Vista parcial de Seixas

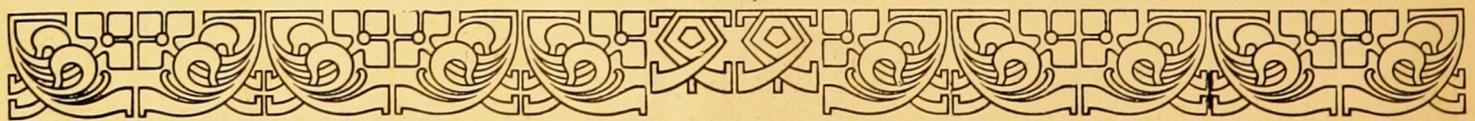


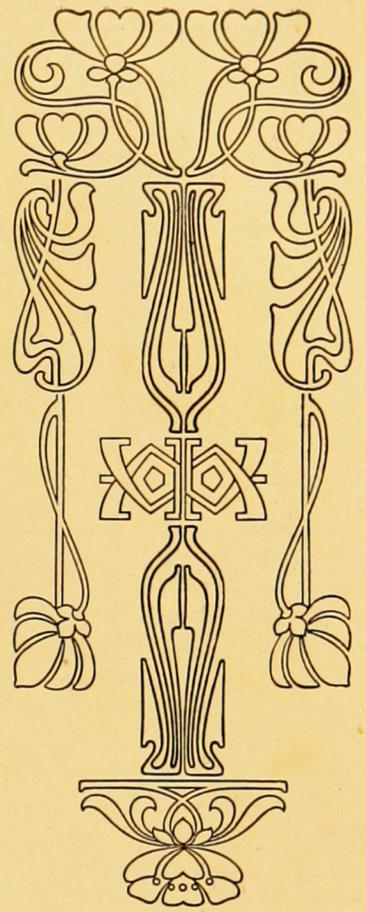
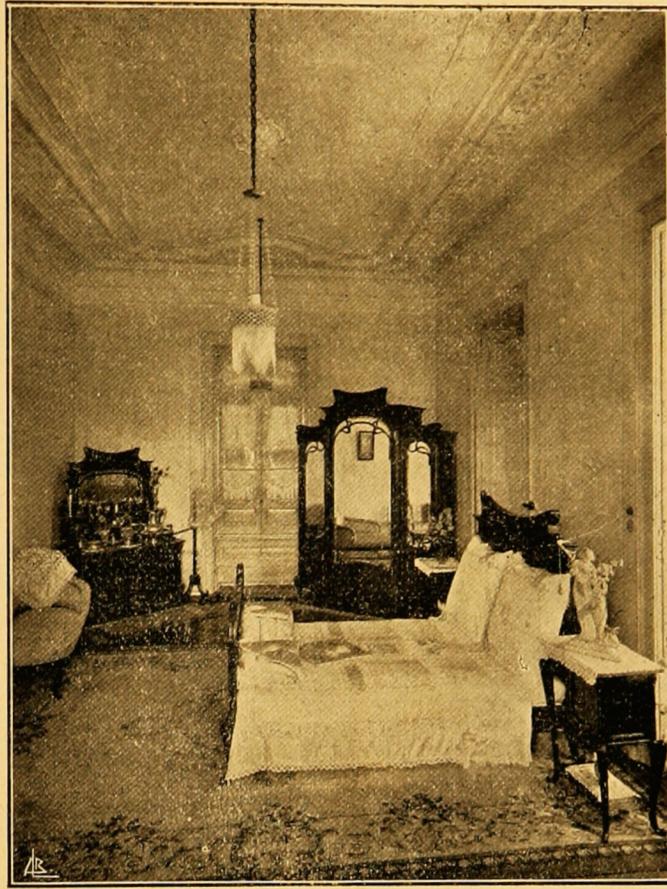
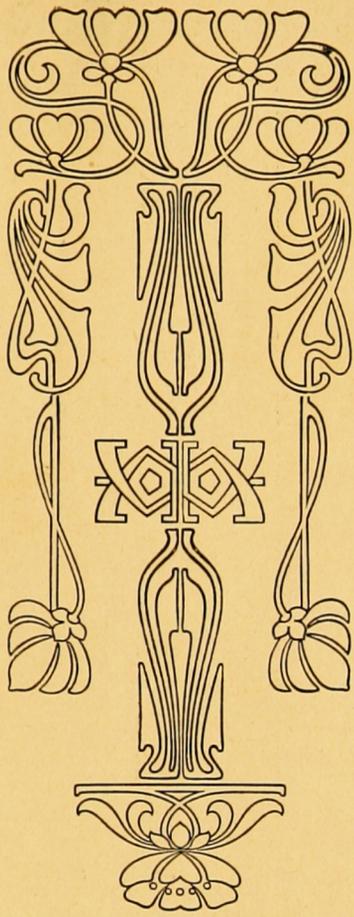


Sala de visitas

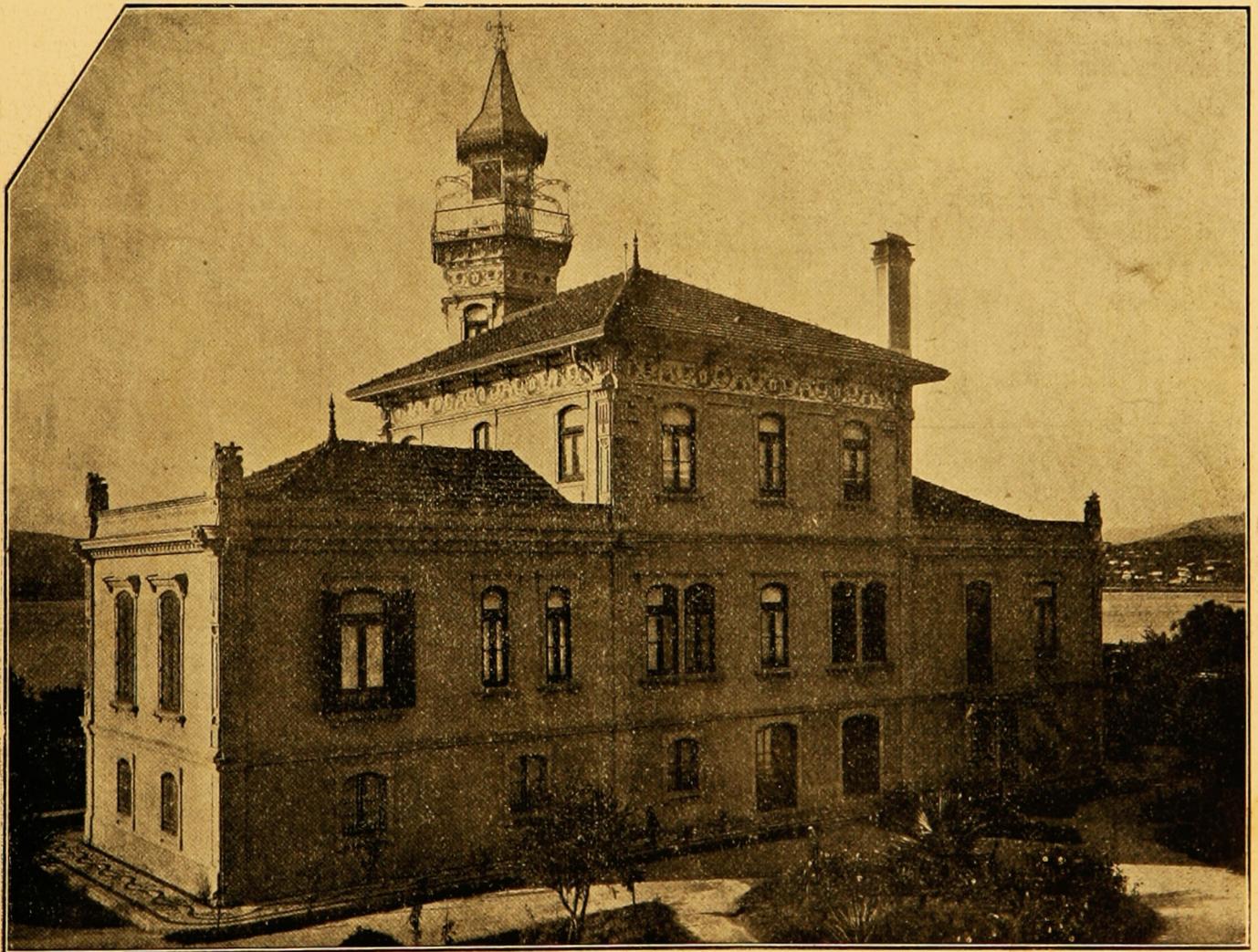


Sala de jantar



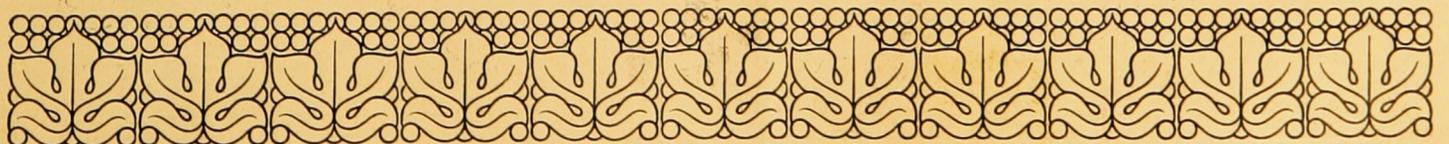


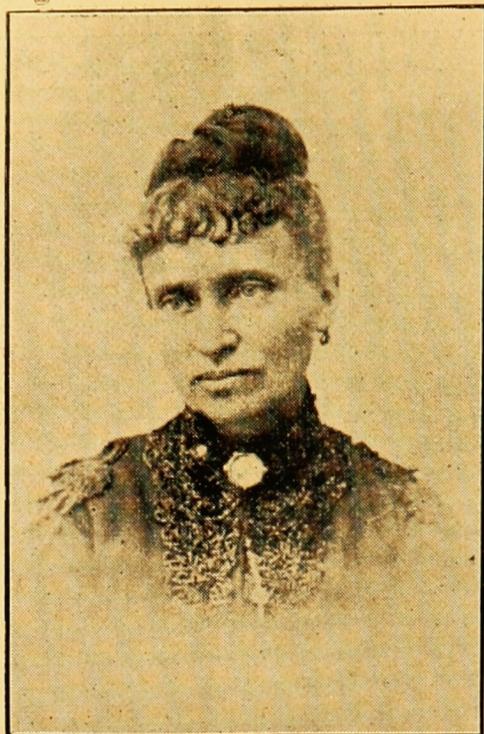
Dormitorio principal



Face posterior do predio

(Photos. Soucasaux)





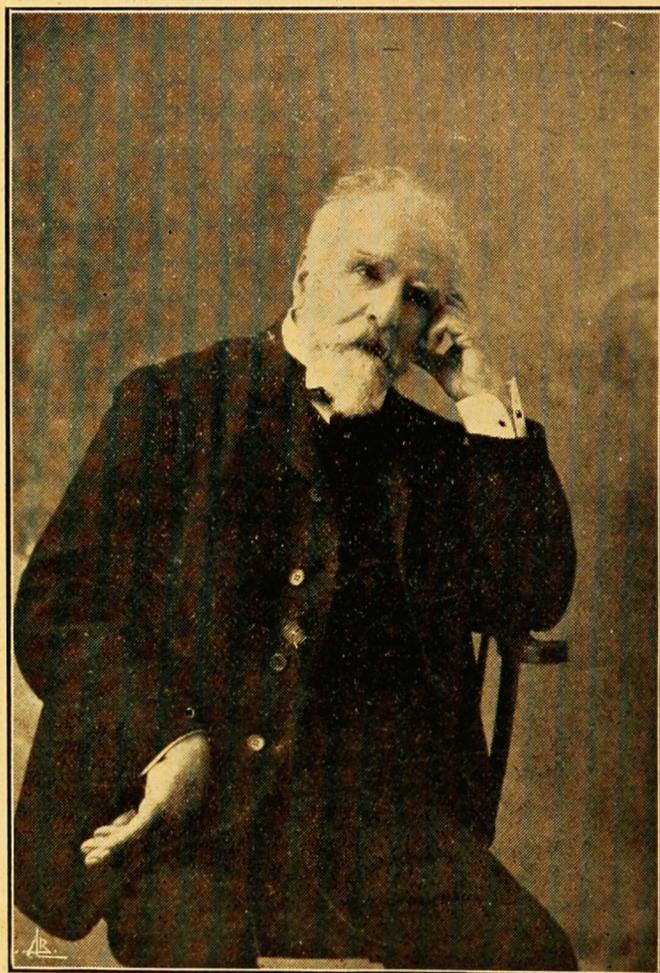
D. Maria Henriqueta Barbosa Sotto-Mayor,
illustre e benemerita dama bracarense fallecida em 31 d'outubro de 1914

D. JOÃO DE MENEZES

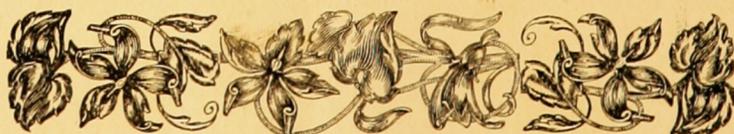


Publicamos hoje o retrato d'este illustre fidalgo recentemente fallecido no Porto. Descendente de estirpe nobilissima entroncada nas melhores casas de Portugal, Dom João de Menezes, foi uma das mais brilhantes figuras do seu tempo.

Dotado d'uma rara formosura e d'uma serena valentia, seguiu a tradição fidalga da epocha e foi um dos mais destemidos fidalgos-touros do seu tempo. Aos 16 annos, toureou pela primeira vez em casa do Marquez de Nisa, ao lado do conde de Vimioso e n'uma das celebres touradas politicas, a que allude Barbosa Colen no seu admiravel livro «Entre duas Revoluções» D. João de Menezes e D. José de Mello e Castro, o celebre «Cazuza» apresentaram-

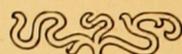


D. João de Menezes

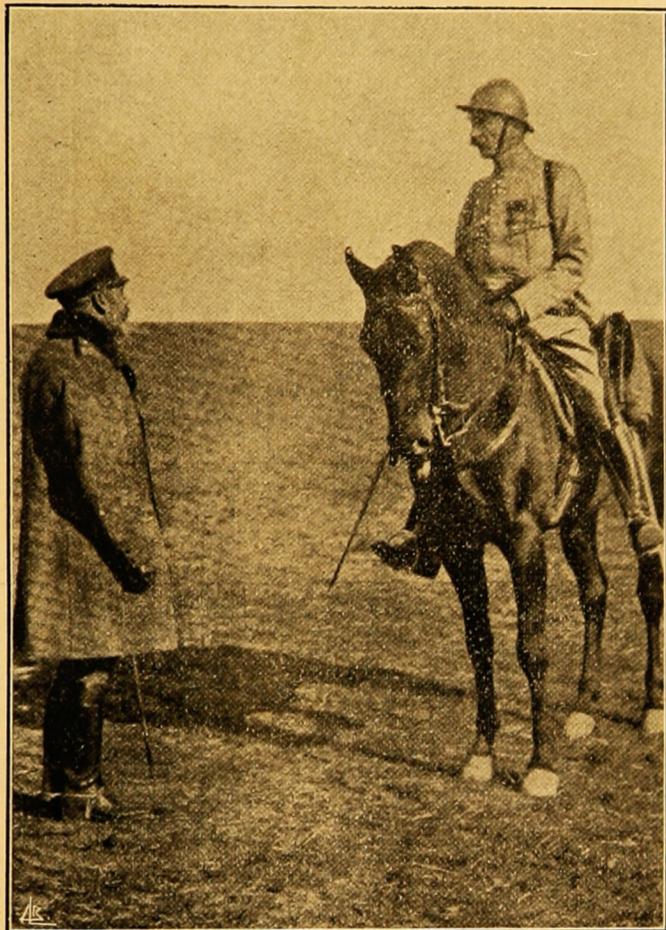


se na praça vestidos de Alcides e montando em pello, dois fogosos corceis guiados apenas, por fitas de seda, tourearam, por entre os applausos ruidosos da praça. A politica seduziu-o tambem e na *Patuleia* combateu como simples soldado, sendo promovido a alferes, por distincção, no Alto do Vizo. Depois do armisticio de Setubal, não quiz render-se e seguiu o seu commandante.

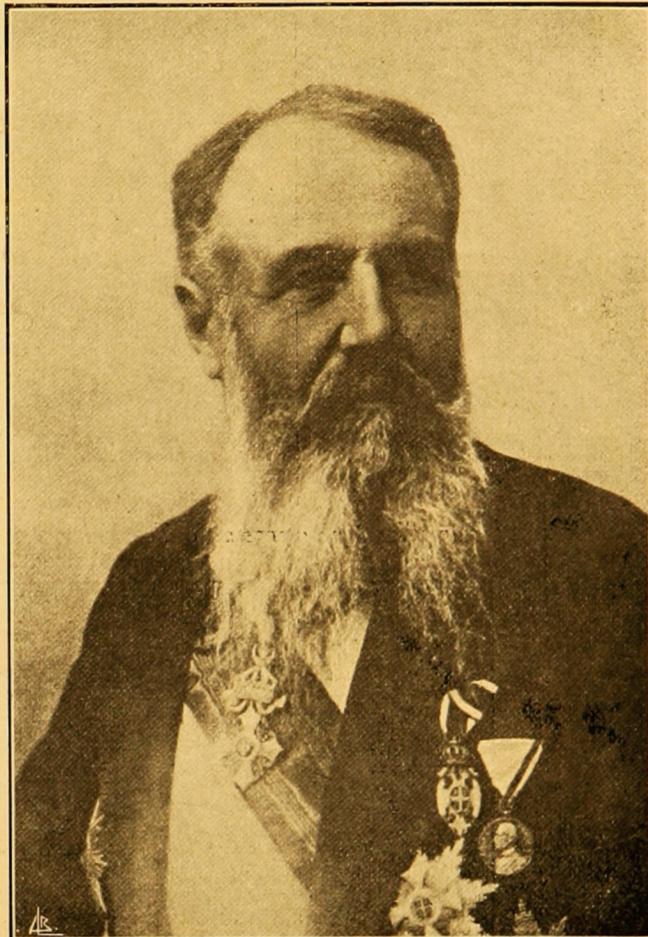
Cultor das bellas artes foi tambem empresario do Theatro de D. Maria de Lisboa (empresa Biestes), onde sacrificou a sua fortuna pelo que o seu contemporaneo D. Thomaz de Mello, dizia pittorescamente: «Entrou para lá de caruagem e sahiu a pé» ... Ultimamente vivia, todo entregue ao carinho dos seus, no Porto, onde recentemente falleceu confortado pela religião.



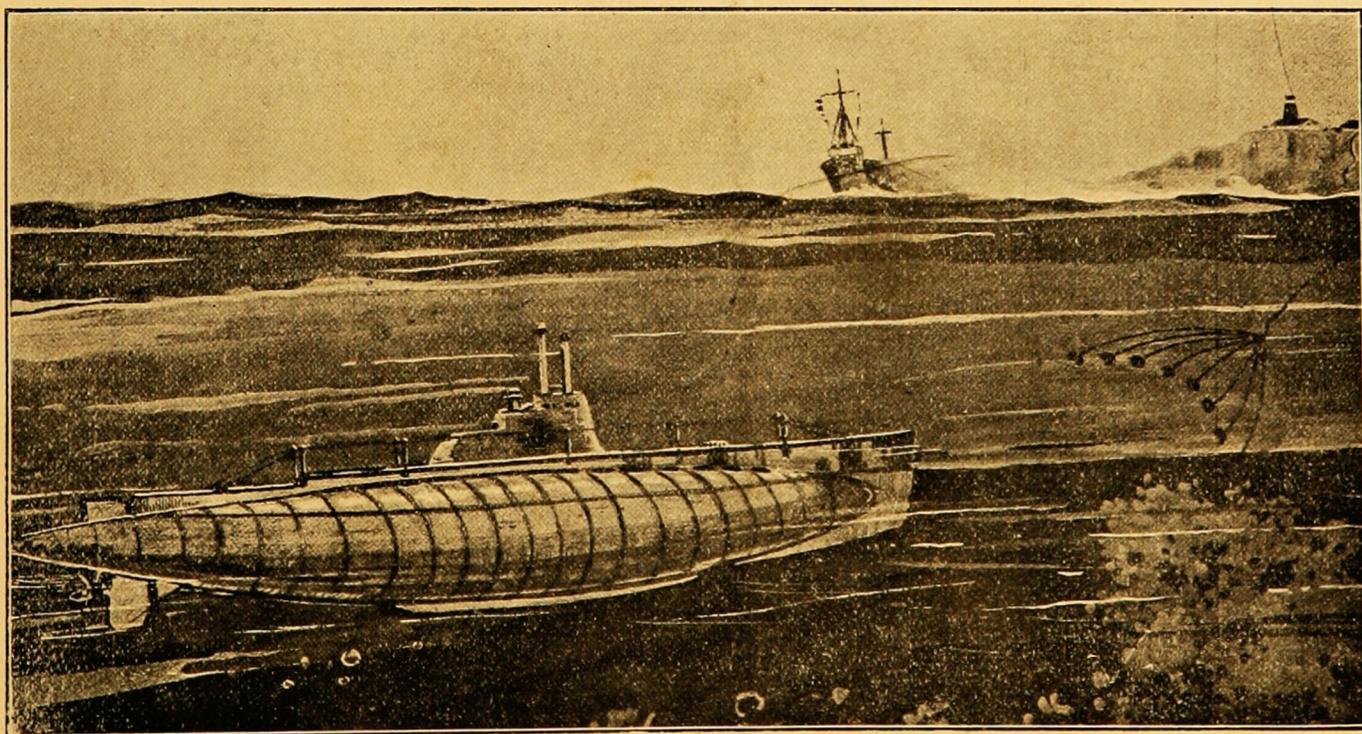
A Guerra Europeia



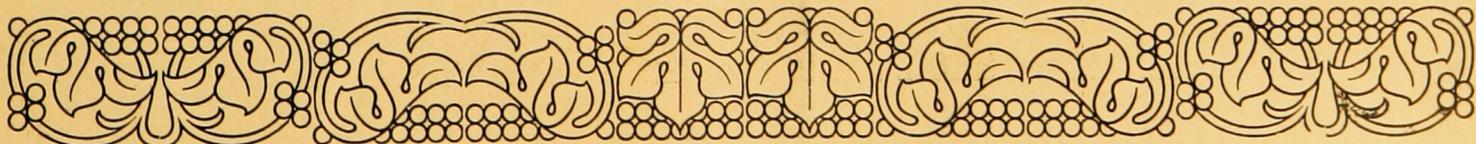
Jorge V conversando com o general Ebener

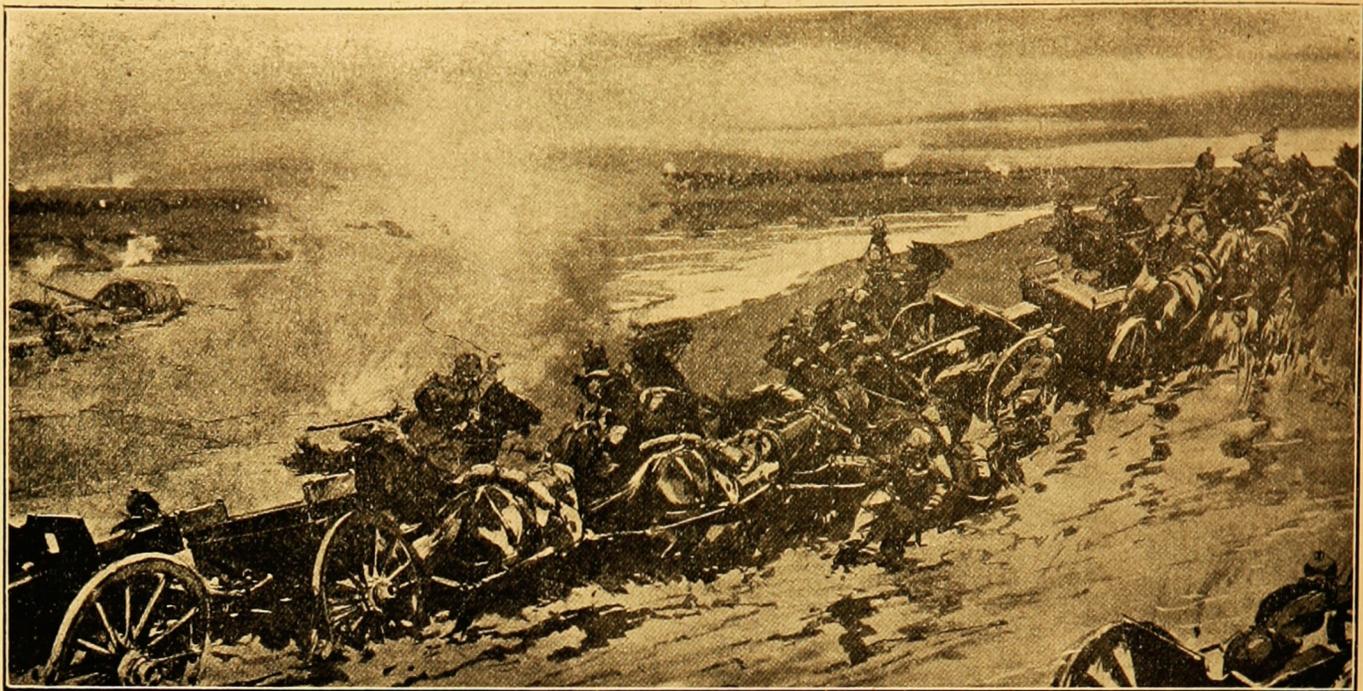


1.º Ministro da Servia, M. Nicolas Pashith



*Tell-Tale instrumento usado para anunciar um submarino inimigo
O aparelho está em comunicação com a terra por um fio*

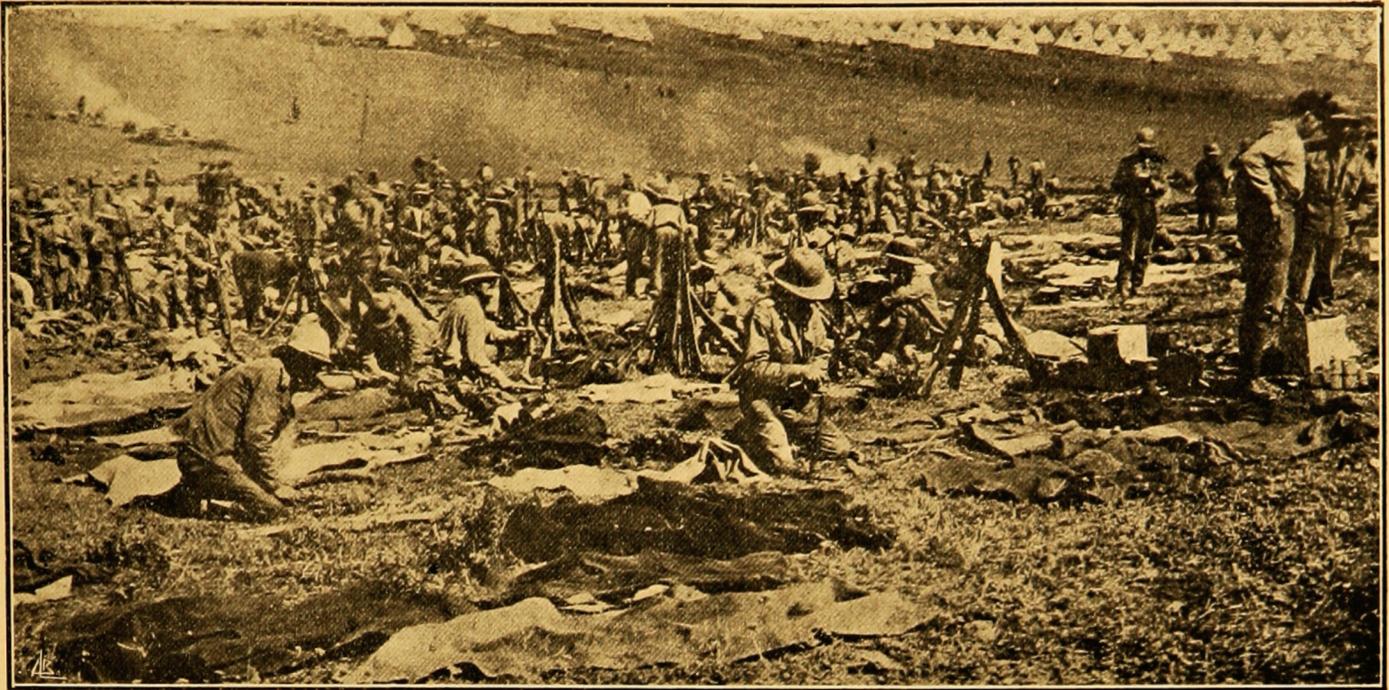




*As defezas naturais da Russia
Uma columna allemã na margem do Tchighirep é impedida de avançar por causa dos russos abrirem os diques*



Soldados italianos mud

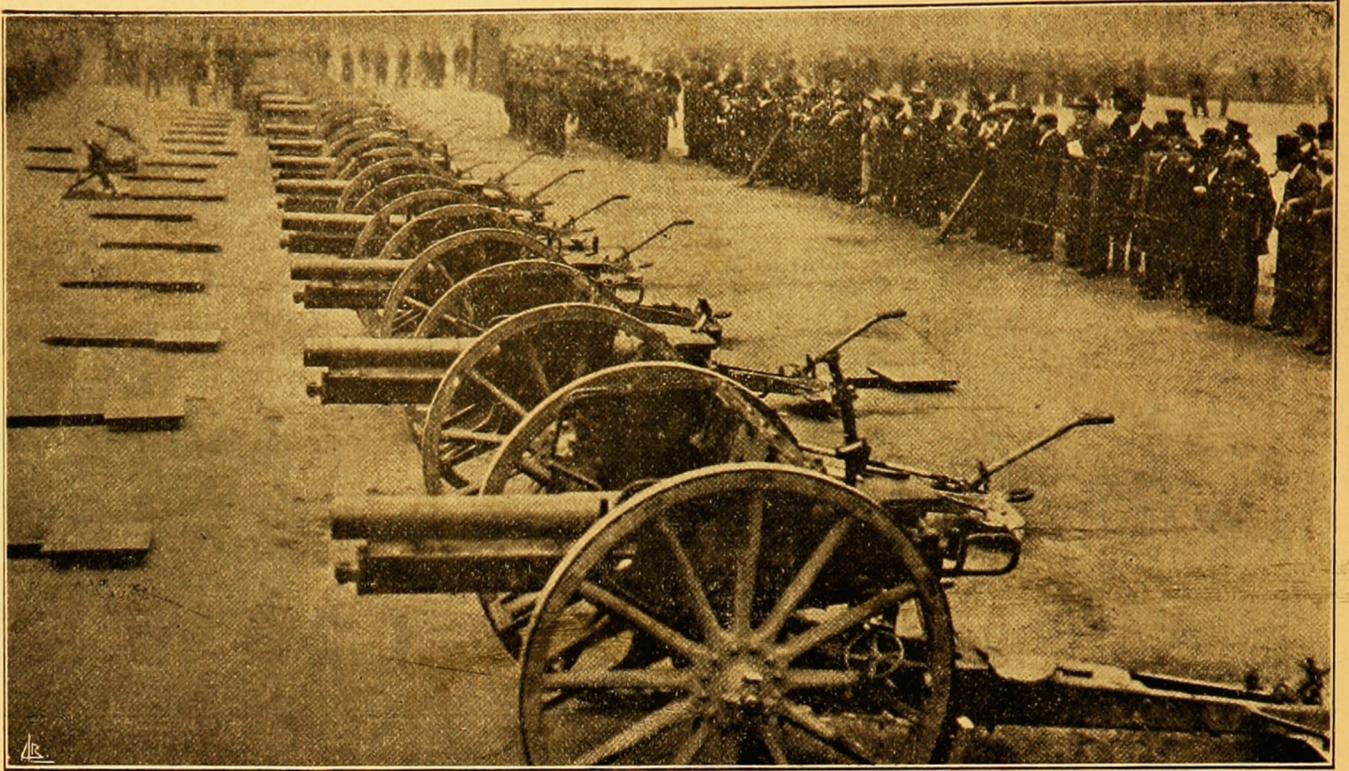


Um regimento dos aliados acampados na zona Servia depois do desembarque em Salonica

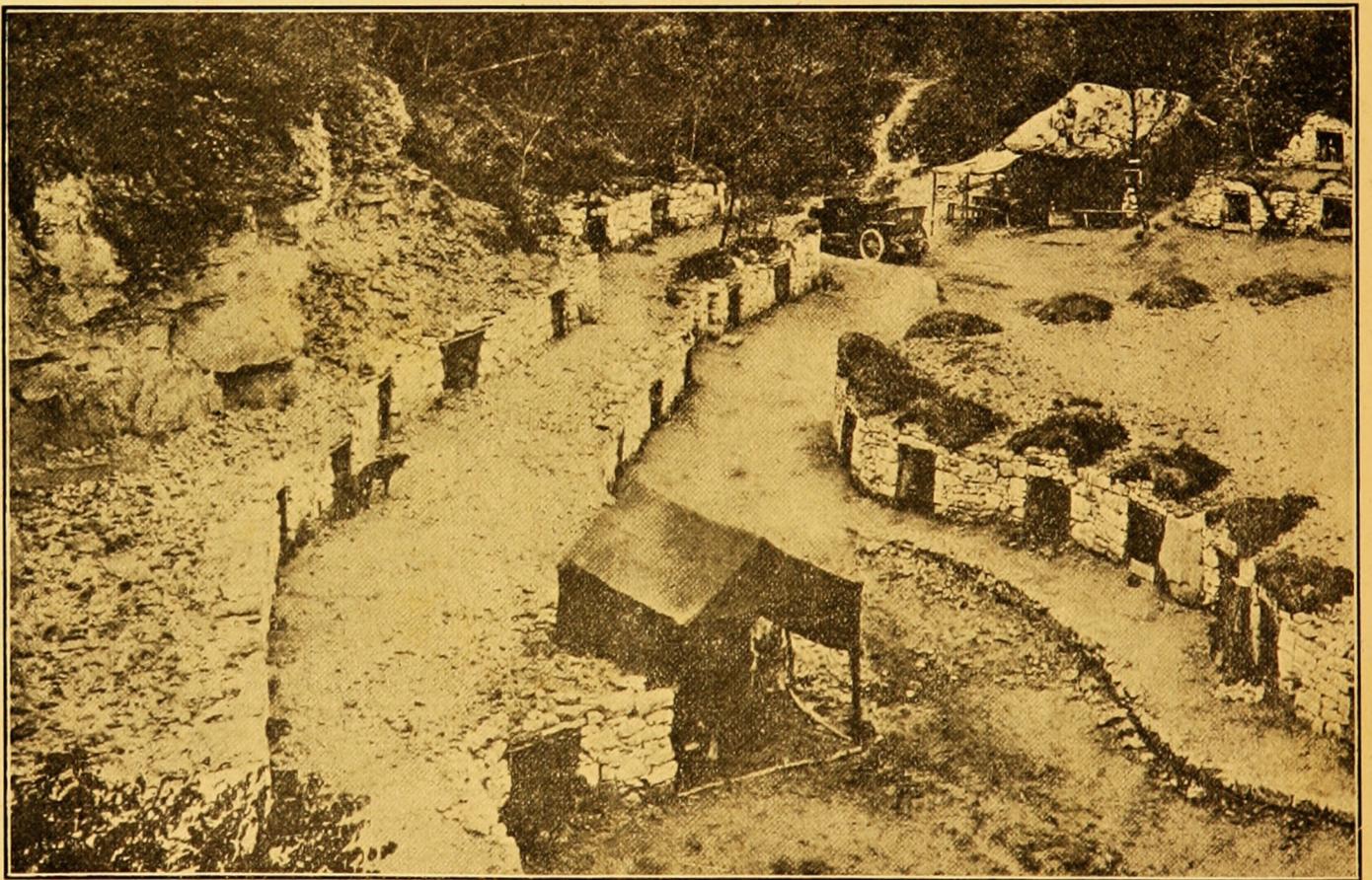
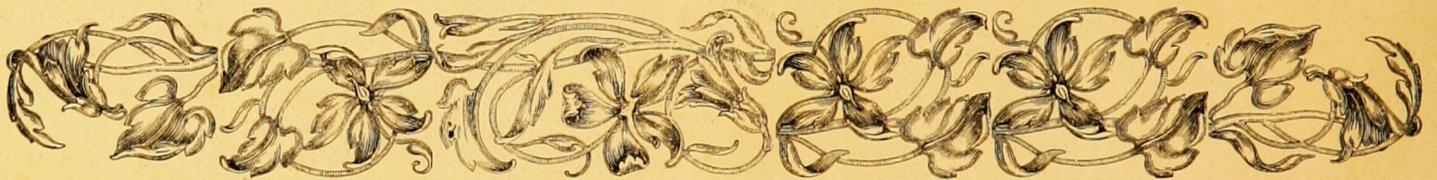


posição um grande canhão

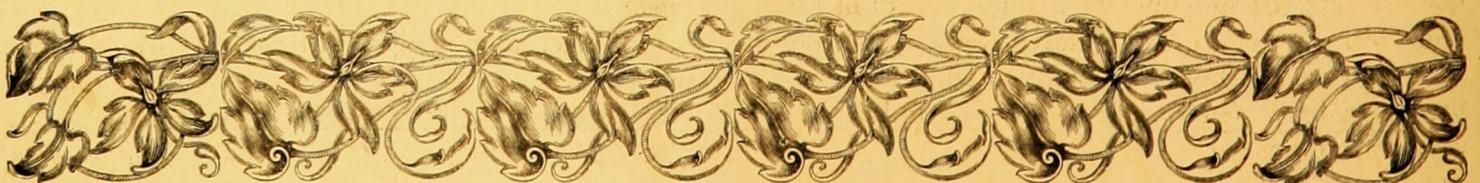




Novos trophes de batalha em Londres. Canhões capturados aos allemães



No norte. uma ambulancio do exercito francez que emprega cães para o serviço de saude



Para lêr á lareira

O PRINCIPE DA LEGIÃO

(Facto historico)

DEPOIS de terminado o serviço militar, Jeronymo Bergas voltou á sua aldeia, perdida no fundo do Plateau Central, que a custo abandonara, nunca tornara a ver e amava tanto!...

Mas quando despiu a farda para vestir os trajas de lavrador, pareceu-lhe que o uniforme adherira á sua rúde e encardida pelle de camponez... que já não podia arrancar uma sem arrancar a outra...

—Ora viva! então acabaste a vida de caserna, meu rapaz!...

Este estribilho, bradado a cada encontro pelos seus conterraneos, feria-lhe o ouvido, áspero, monotonico, e, arrepiando-o, avivava mais e mais o seu surdo instincto de guerreiro... chegou a leval-o ao seu exaspêro.

Só o cantoneiro Larvez, velho combatente d'Africa, adivinhou a lucta travada na alma do antigo soldado.

—Não tens mulher nem filhos, homem! Teus paes ainda estão rijos... Torna a ir...

—Não pode ser!

—Pode sim, alista-te na legião...

Bergas abriu muito os olhos; lá na sua guarnição da Bretanha: só ouvira fallar da Legião de honra. Teve a rapida visão das formaturas, dos clarins, dos tambores e da bandeira, na frente, a drapejar ao vento do mar; officiaes em grupo, de sabre em punho, reluzentes; o coronel, muito direito, que fallava alto... e respondeu enleado:

—'Stás tolo... eu, condecorado... e d'ahi... depois...

Larvez encolheu os hombros e poz-se a rir; em seguida retomando a sua antiga verve de zuavo, que o seu officio de britador adormecera, contou o que tinha visto e ouvido em Sidi-Bel-Abbês.

Na legião, havia francezes que queriam continuar a servir depois da idade, ou esconder o seu verdadeiro nome, expiar culpas, reconquistar a honra... e estrangeiros—sim, homem! estrangeiros, é por isso que lhe chamam a *legião estrangeira*—alsacianos e lorenos que positivamente, não são estrangeiros, na verdade! e allemães que fogem á caserna prussiana, russos perdidos pelo nihilismo, que não queriam andar monteados na sua patria; polacos que se approximavam da França, da qual andam tão longe!... Hespanhoes, belgas, hollandezes, gente d'America! Ricos arruinados, pobres sem leira nem beira, nobres, exilados e ás vezes principes...

Jeronymo estremeceu

O montanhez, sensível como uma creança a tudo o que parecia conto de fadas, agarrava-se ao maravilhoso...

Principes!... nunca os tinha visto. Era extraordinario que lá os houvesse no meio d'aquelle formigueiro humano.

No dia seguinte, nova conversa se entabolou ao pé d'um montão de cascalho ajuntado por Larvez, que intercadenciava a narrativa com martelladas, e cujos olhos brilhavam por detraz do gradeamento dos olhos.

Trez mezes mais tarde, Jeronymo Bergas já pensava que estivera sempre alistado na legião!... Ficava a matar na formatura. Duas coisas apenas lhe faltavam: primeiro, a plena consciencia d'um crime ou falta comettida e da justiça eminente sobre ella; segundo não ter encontrado o seu principe.

A primeira não tinha cabimento no seu cerebro simplista e a timidez aldeã, com o orgulho de não parecer ingénuo, dominava ainda a sua alma de homem robusto. Nunca se confiava a ninguem; reservava e guardava comsigo as suas curiosidades e observações.

Observava, successivamente, os rudes companheiros bronzeados, vincados de feridas, pulsos fortes, muitas vezes fallando idiomas que elle não comprehendia, mais violentos, mais barulhentos, tão aguerridos mas menos disciplinados do que os seus camaradas de França.

Jeronymo vivia a vida d'elles, sem todavia em nada penetrar nos mysterios dos seus passados, dôres secretas sepultadas sob as fardas. Era simples demais no meio de pessoas tão complicadas...

Por fim, Bergas, um dia, abriu-se a um camarada de tenda, durante uma expedição que afastára uns 25 kilometros do acampamento, um destacamento numeroso.

Era um rapaz, muito novo, que apresentava miseravel aspecto quando se alistou, sem fato, sem vintem. Cretura feita á pressa, talvez; os hombros curvavam-se-lhe, as mãos eram finas, muito brancas. Da profissão militar conhecia a theoria, ignorando a prática.

Jámais Léo Marius fallára dos seus; não escrevia e nunca o correio lhe trouxera uma carta.

Conversava pouco, procurava primeiro as palavras, e pronunciava-as sem accentuação. Não era francez; ninguem o conhecia; se alguns camaradas se lhe dirigiam em diferentes

linguas, não respondia, e comtudo pelo olhar, dir-se-hia que as comprehendia a todas.

Como Léo era ainda mais pobre do que elle, Jeronymo repartia com elle o dinheiro que tinha, mas Léo nunca acceitava; como Léo era fraco e saccudido de tremuras, quando o mandavam fazer algum serviço, Jeronymo ajudava-o; e como Léo não troçava nem se zangava, Jeronymo fez d'elle o seu confidente e revelou-lhe a sua preocupação: vêr um principe! o principe da religião!!!

Léo Marius respondeu:

—Olha, os principes, são como os outros, e se topares algum, ficas desapontado; quem sabe se já passaste por um sem dares por isso...

Bergas, teimoso, replicou:

—Mas os que sabem que elle é principe, não lhe fallam *como á gente!*

—Pois é tractado exactamente *como a gente!*

—Tens a certeza? E porquê?

Um léve rubor nas faces, um tregeito, uma tosse secca, e por fim:

—Não duvido... seio-o bem!

Léo Marius enfraquecia á medida que os calores augmentavam. Jeronymo tratava-o com uma dedicação em que se fundiam a ternura piedosa do forte pelo fraco e a energia velando a inquietação.

O capitão mandou prevenir o serviço de saúde.

A noite de espéra foi longa e torturante.

Bergas punha-se ás vezes a escutar-lhe o arfar do peito doloroso, e, julgando que o companheiro dormia, não ousava fazer barulho e dormia tambem.

E Marius, para não accordar o camarada, crispava-se, tentando reprimir a agitação febril.

Ao nascer do sol, ouviu-se galopar ao longe, depois mais perto, até que parou bruscamente.

Um medico militar entrou na tenda e ordenou que deixassem entrar n'ella luz e ar.

Examinou Marius. Bergas seguia-lhe o rosto com os olhos.

—Estou muito doente, não é assim? murmurou Léo.

—Nunca se está muito doente, quando ha firme vontade de se curar...

O doutor era novo, cheio da vida intensa d'África, vida d'aventuras e de perigos; custava-lhe dizer áquelle rapaz, mais novo ainda do que elle: «Está perdido» porque nem elle mesmo tinha senão dados philosophicos sobre a fé.

A sua voz foi de subito coberta pelo som do clarim; o amplo rumor do acampamento a despertar infiltrava-se pelo espesso oleado que abrigava o moribundo e enchia-o de suavidades guerreiras.

Bergas, assentado sobre o colchão, as mãos atadas nos joelhos, ergueu-se; queria que o medico lhe dissesse mais alguma coisa, mas percebera que o silencio é mais expressivo que a palavra e que por detraz d'elle se levantava um veredicto de morte.

A sentença de morte! Léo adivinhara-a porque sentia a aza negra a roçar-lhe o corpo; não quiz ser cruel para com aquelle que o poupava, baixou a cabeça, e não fez a pergunta que andava já errante nos seus labios:

—«Quanto tempo falta?»

—Posso dar-lhe de beber, sr. doutor? perguntou Jeronymo baixinho, como se sollicitasse um favor especial. Que é que elle pode tomar?

—O que quizer!

A alimentação livre do condemnado...

O doutor tornou a montar no cavallo. Bergas sahiu fóra da tenda e voltou logo depois com um calix, cheio até aos bordos, de uma bebida que pagara com os ultimos dez réis do seu bolso.

A ideia do sacrificio por aquelle que ia morrer dominava a sensibilidade d'aquelle coração simples e rude. A offerta era vulgar, o sacrificio era meritorio.

Léo estava assentado no seu colchão estreito, as mãos estendidas para as suas armas e para a sua farda... Dir-se-hia que queria vestir uma e empunhar as outras, como preparação para a grande viagem!...

Jeronymo apresentou-lhe o calix de cognac encostou-lh'o aos labios empallidecidos, mas a fina mão, cuja ossatura resaltava da marmorea epiderme, repelliu os grossos dedos do camponez.

—Léo, peço-to muito, não me recuses! E' bom: dá-te forças...

Um soluço apertava a garganta de Bergas. A ingenua supplica tocou profundamente aquelle que já estava no limiar da eternidade.

Marius dominou a sua repulsa e bebeu algumas gottas, como um calix de humildade, com um doce gesto de gratidão.

—Obrigado... Não posso tomar mais, disse elle. Arrasta-me o colchão para fóra da tenda, quero tornar a vêr a luz, toda a luz d'este mundo, antes de contemplar a luz divina.

Bergas puxou o pequeno leito para a entrada da tenda.

O sol illuminava o deserto... Em volta do oasis, uma leve brisa fazia menear as ramas das palmeiras, como leques: a natureza parecia querer adoçar os pavores suffocantes da morte, á mocidade de Léo Marius.

Um grupo de homens compadecidos aproximou-se. Um official veio collocar-se á cabeceira do moribundo...

A' saudação do chefe, Léo levou a mão á frente, depois retirando-a, pousou-a sobre o peito, ergueu-a ainda até aos hombros... murmurando; *Em nome do padre...*

Muitos dos presentes estremeceram á lembrança obliterada d'uma infancia christã, e um gesto igual d'aquelles que viveriam talvez até ao proximo combate, repetiu o do legionario que ia morrer sem ter respondido ainda ao apello das armas...

Léo Marius retomou a firmeza de voz que precede o ultimo respiro:

—Morro na religião catholica que abracei contra a vontade dos meus e não aprendi a praticar... Morro na França d'Africa, a terra hospitaleira do bannido e do abandonado...

As palpebras desciam-lhe; tornou a levantá-las. As mãos crispavam-se sobre as de Jeronymo Bergas que se inclinava sobre elle.

—Meu amigo, não mais procures o principe mysterioso... dentro em poucos instantes elle terá deixado para sempre a légião...

E a vós, a todos vós, adeus! A França foi muito dôce para mim... Que Deus se amerceie da minha alma...

Sobre as ondas glaucas, um navio de guerra com a bandeira imperial, levou semanas depois os despojos mortaes do Hohenzollern exilado, que no infortunio partilhára do pão francez.

No anno seguinte, Jeronymo Bergas embarcou para os Dardanellos e recebia na peninsula de Gallipoli o baptismo de fogo.

—Os canhões turcos vomitam obúzes alle-mães! disse um legionario que examinava serenamente os projecteis cahidos.

«Léo Marius, pensou Bergas, foste feliz ao deixares a légião. Não combaterás contra a tua patria e não te recusarás a combater pela França!»

O legionario sobreviverá apenas na memoria do amigo e dos seus velhos camaradas...

(Da Croix)

EDMUNDO COZ.



Padre Antonio Vieira



A côrte de Madrid lançou mão d'uma arma victoriosa: ameaçar de morte o Padre Geral da Companhia de Jesus, se não obrigasse Antonio Vieira a retirar-se de Roma.

Vieira, informado do perigo que o Geral corria, não quiz ter culpa n'um desfecho tragico, e assim obedeceu tanto ás ordens do seu Prelado como á voz da sua consciencia.

Afinal, tinha conseguido para a causa da Patria tudo quanto era possivel anhelar, enfrentando o poderio d'um rei ainda prestigioso, como era Philippe IV. A sua retirada provava triumphalmente o receio que, do pequenino Portugal, tinha agora a poderosa Hespanha, vencida duas vezes, pelas armas da Revolução e

pelos golpes habeis e energicos d'uma admiravel diplomacia.

Que lhe importava o mais? Preocupava-o porventura a ambição de pessoa de destaque, qualquer interesse além dos de Deus e da Patria?

Comparem com a abnegação patriotica do Marquez. Fallou de rijo á Inglaterra e á Hespanha — proclamaram — e nunca lhe devem ser negados todos os louvores por tanta energia e dignidade. Mas foi-lhe relativamente facil aparentar de energico com a Inglaterra, porque o grande homem não se esqueceu de informar subtilmente a côrte de Londres, de que toda a guerra ao exclusivo predominio dos commerciantes inglezes em Portugal, era mais para conservar a sua aureola de innovador do que por affecto apaixonado aos interesses da Patria.

Commovida com isto, e vendo praticamente o futuro, nada custou á Inglaterra fingir-se encavacada e até apavorada diante do gesto heroico de Sebastião José... Cada um arranja-se como pôde.

O Marquez, porem, não tardou em pagar aos interesses de Londres o seu reconhecimento por o deixarem parecer grande homem, encafuado na sua energia puritana, lentejoulada de fulgores epicos.

Os reis de França, de Hespanha e das Duas Sicilias e o duque de Parma, suggestionados por um audaz plano do Duque de Choiseul, fizeram o chamado *pacto de familia*, assignado a 15 de Agosto de 1761. O pacto visava o quasi aniquilamento da marinha ingleza. Choiseul contava com o immaculado Pombal. Não se pavoneava elle como inimigo patriotico do predominio inglez? Choiseul não o ajudara, de 1757 e 1759, na lucta, calumniosa e depois despotica, contra os Jesuitas ominosos? Devia ser todo seu, o Marquez. Pois o nosso anglóphobo estadista poz-se do lado da Inglaterra a quem assim pagou toda a benevolencia havida com o seu rasgo — que teria sido muito mais admiravel, se não contasse com a fleugma, bastante irónica, do povo inglez... e tambem com o effeito das suas subtis declarações a habeis diplomatas.

O almirante inglez Boscawen destruiu e dentro do nosso porto de Lagos uma esquadra franceza, commandada pelo almirante Labule, e Pombal protestara, recebendo, como indemnisação liquida a visita e as desculpas do embaixador lord Kinnoul, expressamente enviado — é verdade — pelo governo inglez, presidido por lord Chetam.

JOSÉ AGOSTINHO.



Anecdotas • historicas

Ditos • e • pensamentos



Jefferson

FRANKLIM, quer pela grandeza do seu talento, quer pela inteireza do seu carater, representou, em França, os Estados-Unidos duma maneira brilhante. Succedeu-lhe Jefferson. Quando este eminente estadista chegou a Paris, o ministro francez disse-lhe, seguidamente a um affectuoso acolhimento:

—Vindes substituir mr. Franklin...

Jefferson apressou-se em interromper:

—Franckin é insubstituivel, eu apcnas lhe succedo.

Estas palavras grangearam-lhe a consideração publica e acreditaram-no mais firmemente que todas as credenciaes.

Vencer com o chapéu

Um cavalheiro pobre fallou de chapéu na mão ao duque de Najera e como este não tocou no seu, desafiou-o a encontrarem-se no Prado, ás onze horas da noite. Soube o duque da causa do desafio e quando appareceu no Prado disse de chapéu na mão:

—Senhor, aqui venho desbarretado. Se a pendencia é sobre isto estais satisfeito, mas se ha alguma coisa mais cobrir-me-hei e brigaremos.

O cavalheiro confuso e cortez:

—Desculpe-me, senhor duque, eu sabia que costuma vencer com a espada, e agora fico sabendo que até vence com o seu chapéu.

Boileau e Luiz XIV

Luiz XIV, que tinha a vaidade de poetar, mostrou a Boileau uns versos e pediu-lhe uma critica justa. Boileau respondeu:

—Nada é impossivel a V. Magestade. Quiz fazer maus versos e conseguiu-o.

Embaixador de Sião

Um embaixador de Sião em Paris conversava com uma das mais nobres e distinctas senhoras francezas, que o arguiu do mau costume dos siamezes terem muitas mulheres. O embaixador, que era um fino diplomata, retorquiu galanteador:

—Senhora, nós nos contentariamos com uma só mulher se as damas do Sião fossem tão bellas e tão amaveis como Vossa Excellencia.

Carrel e Girardin

Emilio Girardin, moço de espirito inventivo e arrojado e de extraordinaria actividade, imaginou uma combinação para mudar a organização da imprensa parisiense. Queria criar o jornal barato, reservando a quarta pagina para anuncios. Os outros jornaes foram hostis ao projecto. Um jornal democratico, o *Bom Senso*, atacou com violencia o de Girardin, que o chamou a uma policia correccional e annunciou no seu jornal, a *Imprensa*, a biografia dos jornalistas contemporaneos. Armando Carrel, no *Nacional*, censurou Girardin. A uma replica deste, Carrel dirigiu-se ao escriptorio da *Imprensa* e pediu explicações. Houve discussão e explicações, parecendo tudo harmonisado. Subito atease a contenda. Carrel quiz que apparecesse primeiro a nota na *Imprensa* e no *Nacional*, mas Girardini não quiz. Carrel replicou:

—Então temos que bater-nos!

Respondeu Girardini:

—Isso é uma boa fortuna!

Tornou Carrel:

—Um duelo é uma triste necessidade e nunca uma boa fortuna.

O encontro effectuou-se no dia 22 de julho em Sant-Mandé, area de Vincennes, e á pistola. Carrel caiu morto, e Girardin ferido numa coxa.

O sobrinho de Malborough

O illustre general inglez Malborough estava na trincheira com seu sobrinho e outro official, dirigindo o combate.

Uma bala de artilheria bate no craneo do official, cujos miolos salpicam o rosto do sobrinho de Malborough, e o deixou devéras atrapalhado.

O general grita-lhe:

—Que é isso? Parece que ficaste espantado?!

E o sobrinho limpando o rosto:

—Fiquei, sim senhor, fiquei espantado de que um homem que tinha tanto miolo se deixasse estar exposto a um perigo destes.

TITO FLAVIO.

